

EDGAR ALLAN POE

**CONTOS
DE IMAGINAÇÃO
E MISTÉRIO**

ILUSTRAÇÕES DE **Harry Clarke**

TRADUÇÃO DE **Cássio de Arantes Leite**

PREFÁCIO DE **Charles Baudelaire**

TORDSILHAS



O GATO PRETO

Para a narrativa sumamente extravagante e contudo sumamente trivial em que tomo da pena, não espero nem peço crédito. De fato, louco seria eu de esperar tal coisa, num episódio em que até meus próprios sentidos rejeitam o que testemunharam. Contudo, não estou louco — e, decerto, tampouco estou sonhando. Mas amanhã morrerei e hoje quero desafogar minha alma. Meu propósito imediato é expor diante do mundo, de modo direto, sucinto e sem comentários, uma série de simples eventos domésticos. Por suas consequências, esses eventos me aterrorizaram — torturaram — destruíram. Contudo, não farei uma tentativa de explicá-los. Para mim, pouco representaram além do Horror — para muitos, parecerão menos terríveis do que *barrocos*. Num futuro próximo, talvez, algum intelecto haverá de surgir para reduzir minha fantasmagoria ao lugar-comum — algum intelecto mais calmo, mais lógico e muito menos excitável do que o meu, que perceberá, nas circunstâncias por mim detalhadas com assombro, nada mais do que uma ordinária sucessão de causas e efeitos perfeitamente naturais.

Desde a infância sempre me fiz notar pela docilidade e humanidade de meu temperamento. Minha ternura de coração era de fato tão evidente que me tornava objeto de troça de meus companheiros. Tinha particular afeição por animais e fui mimado por meus pais com uma grande variedade de bichos de estimação. Com eles passava a maior parte do tempo e nunca me sentia tão feliz como nas ocasiões em que os alimentava e acariciava. Essa peculiaridade de caráter acompanhou-me ao crescer e, mais tarde, quando me tornei um homem, dela extraía uma das minhas principais fontes de prazer. Para aqueles que acalentaram afeição por um cão fiel e esperto, dificilmente preciso me dar o trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que disso pode advir. Há qualquer coisa no amor altruísta e abnegado de uma criatura bruta que cala fundo no coração de quem muitas vezes já teve ocasião de experimentar a amizade mesquinha e a fidelidade impalpável do mero *Homem*.

Casei-me cedo, e tive a felicidade de encontrar em minha esposa uma disposição não incompatível com a minha própria. Observando meu apreço pelos animais domésticos, ela não perdia a oportunidade de obter os tipos mais agradáveis. Tivemos pássaros, peixes dourados, um ótimo cão, coelhos, um macaquinho e *um gato*.

Este último era um animal notavelmente grande e belo, todo negro, e esperto em um grau espantoso. Falando de sua inteligência, minha esposa, que no fundo não era pouco imbuída de superstição, fazia frequente alusão à antiga crença popular que via em todos os gatos pretos bruxas disfarçadas. Não que em algum momento falasse *a sério* nesse sentido — e não toco no assunto por nenhum outro motivo além de acontecer, bem agora, de me vir à memória.

Pluto — esse o nome do gato — foi meu bicho e companheiro favorito. Somente eu o alimentava, e ele me seguia pela casa aonde quer que eu fosse. Era mesmo com dificuldade que conseguia impedi-lo de seguir-me pelas ruas.

Nossa amizade durou, desse modo, por vários anos, durante os quais meu temperamento geral e caráter — por obra do Demônio da Intemperança —

experimentaram (coro em confessar) uma radical alteração para pior. Tornei-me, a cada dia, mais taciturno, mais irritável, mais sem consideração pelos sentimentos alheios. Permitia-me o uso de uma linguagem destemperada com minha mulher. Por fim, cheguei até a ameaçá-la de violência física. Meus bichos, é claro, também sofreram com minha mudança de disposição. Eu não só os negligenciava, como também os maltratava. Por Pluto, entretanto, ainda mostrava suficiente consideração para me abster de infligir-lhe maus-tratos, como fazia com os coelhos, o macaco ou mesmo o cão, quando, por acidente, ou talvez por afeto, entravam em meu caminho. Mas a doença ganhou corpo em mim — pois que doença se compara ao Álcool? — e no fim até mesmo Pluto, que a essa altura estava ficando velho e, conseqüentemente, um tanto malcriado — até mesmo Pluto começou a experimentar os efeitos de meu temperamento irascível.

Certa noite, voltando para casa, muito embriagado, de uma de minhas tavernas pela cidade, julguei que o gato evitava minha presença. Agarrei-o; nisso, em seu medo de minha violência, ele me infligiu um leve ferimento na mão com os dentes. A fúria de um demônio apossou-se instantaneamente de mim. Eu não mais me reconhecia. Minha alma original pareceu, na mesma hora, levantar voo de meu corpo; e uma malevolência mais do que diabólica, inflamada a gim, convulsionou cada fibra de meu corpo. Tirei do bolso do colete um pequeno canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e deliberadamente arranquei um de seus olhos da órbita! Coro, enrubesço, estremeço conforme descrevo a abominável atrocidade.

Quando a razão me voltou pela manhã — após ter dissipado no sono os vapores do desregramento noturno — experimentei um sentimento que era parte horror, parte remorso pelo crime do qual era culpado; mas foi, quando muito, um sentimento fraco e ambíguo, e a alma permaneceu intocada. Voltei a mergulhar em excessos e não tardei a afogar na bebida qualquer lembrança do ato.

Entrementes, o gato lentamente se recuperou. A órbita do olho perdido apresentava, é verdade, uma aparência assustadora, mas ele não parecia sentir mais dor alguma. Andava pela casa como de costume, mas, como era de esperar, fugindo aterrorizado à minha aproximação. Restava-me suficiente de minha antiga afeição para que no início ficasse magoado com esse evidente repúdio de parte de uma criatura que outrora tanto me amara. Mas esse sentimento em breve deu lugar à irritação. E então sobreveio, como que para minha ruína final e irrevogável, o espírito da PERVERSIDADE. Desse espírito a filosofia não se ocupa. Contudo, não tenho tanta convicção sobre a existência de minha alma quanto tenho de que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano — uma das indivisíveis e primordiais faculdades, ou sentimentos, que orientam o caráter do Homem. Quem nunca se pegou, uma centena de vezes, cometendo algum ato vil ou tolo sem nenhum outro motivo além de saber que *não* deveria? Não mostramos uma perpétua inclinação, malgrado todo o nosso bom-senso, a violar essa coisa que chamamos *Lei*, meramente porque a compreendemos como tal? Esse espírito de perversidade, como disse, veio para minha ruína final. Foi esse inescrutável anseio da alma *de atormentar a si mesma* — de violentar sua própria natureza — de cometer o mal em nome do mal simplesmente — que me impeliu a continuar e finalmente consumir o agravo que já infligira à inofensiva criatura. Certa manhã, a sangue frio, passei um laço em torno de seu pescoço e o enforquei no galho de uma

árvore; — enforquei-o com as lágrimas brotando de meus olhos, e com o remorso mais amargo no coração; — enforquei-o *porque* sabia que me amara, e *porque* sentia que não me dera o menor motivo para ressentimento; — enforquei-o *porque* sabia que ao fazê-lo estava cometendo um pecado — um pecado mortal que poria minha alma imortal em perigo a ponto de deixá-la — se tal coisa era possível — fora de alcance até da misericórdia infinita do Deus Mais Misericordioso e Mais Terrível.

Na noite do dia em que perpetrei essa cruel infâmia, fui despertado do sono pelos gritos de fogo. As cortinas de minha cama estavam em chamas. A casa toda ardia. Foi com grande dificuldade que minha esposa, uma criada e eu próprio conseguimos escapar da conflagração. A destruição foi completa. Todas minhas posses terrenas foram consumidas e entreguei-me dali em diante ao desespero.

Não cedo à fraqueza de tentar estabelecer uma sequência de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade. Mas estou descrevendo uma cadeia de eventos — e não desejo deixar de fora nem sequer um possível elo. Certo dia após o incêndio fiz uma visita às ruínas. As paredes, com exceção de uma só, haviam desabado. Essa exceção consistia de uma parede divisória interna, não muito grossa, mais ou menos no meio da casa, contra a qual ficava recostada a cabeceira de minha cama. O reboco havia, em grande parte, resistido à ação do fogo — ocorrência que atribuí ao fato de ter sido recentemente aplicado. Em torno dessa parede uma compacta multidão havia se reunido e muitas pessoas pareciam examinar uma área particular dela com atenção extremamente minuciosa e intensa. As palavras “estranho!”, “singular!” e outras expressões similares atiçaram minha curiosidade. Acerquei-me e vi, como que gravado em *bas relief* sobre a superfície branca, a figura de um gigantesco *gato*. A imagem se estampava com uma precisão realmente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal.

Quando contemplei a aparição — pois como menos que isso eu dificilmente podia encará-la — minha admiração e meu terror foram extremos. Até que enfim a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrei, fora enforcado em um jardim adjacente à casa. Ao alarme de incêndio, esse jardim fora imediatamente tomado pela multidão — e alguém ali devia ter cortado a forca e jogado o animal por uma janela aberta dentro do meu quarto. Isso provavelmente fora feito com o intuito de me despertar de meu sono. A queda de outras paredes comprimira a vítima de minha crueldade na massa da alvenaria recém-aplicada; a cal do reboco, sob a ação do fogo, combinara-se ao amoníaco da carcaça para executar o esboço tal como eu o via.

Embora desse modo procurasse eu prontamente prestar contas a minha razão, quando não, na medida do possível, a minha consciência, pelo fato alarmante que acabo de descrever, isso tampouco deixou de causar uma profunda impressão em minha imaginação. Por meses não consegui me libertar da imagem fantasmagórica do gato; e, durante esse período, voltou-me ao espírito um sentimento vago que parecia, mas não era, remorso. Cheguei a ponto de lamentar a perda do animal, e de procurar, nas sórdidas tavernas que agora me habituara a frequentar, outro bichano do mesmo tipo, e de aparência algo similar, com o qual suprir seu lugar.

Certa noite, enquanto eu me sentava, meio entorpecido, num antro dos mais infames, minha atenção foi subitamente atraída por um objeto negro, repousando sobre a tampa de um imenso tonel de gim, ou rum, que constituía a principal peça

de mobília do ambiente. Eu estivera a olhar fixamente para a tampa desse tonel por alguns minutos, e o que agora causava minha surpresa era o fato de não ter percebido antes o objeto que estava sobre ele. Aproximei-me e o toquei com a mão. Era um gato preto — muito grande — tão grande quanto Pluto, e muito parecido com ele em todos os aspectos, exceto um. Pluto não tinha um único pelo branco em todo o seu corpo; mas esse gato exibia uma mancha branca enorme, embora indefinida, a lhe cobrir toda a região do peito.

No momento em que o toquei, ele se levantou de imediato, ronronou audivelmente, esfregou-se em minha mão e pareceu deliciado com a atenção concedida. Aquela, então, era exatamente a criatura que eu estava procurando. Ofereci-me na mesma hora para adquiri-lo junto ao dono; mas o homem afirmou que não lhe pertencia — que nada sabia do bicho — nunca o vira antes.

Continuei com minhas carícias e quando me preparava para voltar para casa o animal evidenciou disposição de me acompanhar. Permiti que o fizesse; parando ocasionalmente e dando-lhe tapinhas carinhosos conforme andava. Quando cheguei em casa, ficou à vontade na mesma hora e imediatamente conquistou a predileção de minha mulher.

De minha parte, não demorou para que a repugnância começasse a crescer dentro de mim. Isso era precisamente o oposto do que eu havia esperado; porém — não sei dizer como nem por que — sua evidente afeição por mim antes me repelia e irritava. Gradativamente, esses sentimentos de repulsa e irritação evoluíram para a amargura do ódio. Eu evitava a criatura; uma vaga sensação de vergonha e a lembrança de meu antigo ato de crueldade impediam-me de cometer algum abuso físico. Abstive-me, por algumas semanas, de aplicar-lhe maus-tratos ou usar de violência de qualquer espécie; mas, gradualmente — muito gradualmente — comecei a lhe dedicar o mais inexprimível asco, e a fugir em silêncio de sua odiosa presença como se fosse o hálito de uma pestilência.

O que contribuiu, sem dúvida, para o meu ódio do animal, foi a descoberta, na manhã subsequente à noite em que o levei para casa, de que, como Pluto, ele também fora privado de um olho. Essa circunstância, entretanto, apenas o fez crescer em afeição perante minha esposa, que, como já disse, possuía, em elevado grau, essa humanidade de sentimentos que outrora havia sido meu traço característico, e a origem de muitos de meus prazeres mais singelos e puros.

Com minha aversão, entretanto, o apreço desse gato por mim pareceu aumentar. Ele seguia meus passos com uma pertinácia que seria difícil fazer o leitor compreender. Sempre que me sentava, acomodava-se sob minha poltrona, ou pulava sobre meus joelhos, cobrindo-me com suas detestáveis carícias. Se eu me levantava para andar, metia-se entre meus pés e desse modo quase me derrubava, ou, cravando suas garras longas e afiadas em minha roupa, trepava, desse modo, até meu peito. Em momentos como esse, embora desejasse com todas as forças matá-lo de um só golpe, eu era contudo impedido de o fazer, em parte pela lembrança de meu antigo crime, mas principalmente — que eu o confesse logo de uma vez — por absoluto *pavor* da criatura.

Esse pavor não era exatamente o pavor de um mal físico — e contudo me faltariam palavras para defini-lo de outro modo. Tenho quase vergonha de confessar — sim, mesmo nesta cela de criminoso, tenho quase vergonha de

confessar — que o terror e o horror que esse animal me infundia haviam sido aumentados por uma das mais simples quimeras que seria possível conceber. Minha esposa chamara minha atenção, em mais de uma ocasião, para o caráter da mancha de pelo branco, da qual falei, e que constituía a única diferença visível entre o estranho animal e o outro que eu matara. O leitor haverá de recordar que essa mancha, embora grande, havia se mostrado originalmente muito indefinida; porém, mediante vagarosas gradações — gradações quase imperceptíveis, e que por longo tempo minha Razão lutou por rejeitar como fruto da imaginação —, assumira, finalmente, uma rigorosa precisão de contornos. Era agora a representação de um objeto que tremo em nomear — e por isso, acima de tudo, nutria ódio, e pavor, e teria me livrado do monstro *caso ousasse* — era agora, afirmo, a imagem de uma coisa hedionda — de uma coisa macabra — do PATÍBULO! — ah, pesaroso e terrível maquinismo de Horror e de Crime — de Agonia e de Morte!

E agora eu estava de fato desgraçado para além da desgraça da mera Humanidade. E *uma criatura bruta* — cujo semelhante eu matara desprezivelmente — *uma criatura bruta* engendrara para *mim* — para mim, um homem, feito à imagem do Deus Altíssimo — tamanho e insuportável suplício! Ai de mim! nem de dia, nem de noite, conhecer a bênção do Descanso! Durante o dia, a criatura não me deixava mais um momento sozinho; e, à noite, eu acordava, de hora em hora, com pesadelos de indizível medo, para dar com o hálito quente da *coisa* sobre meu rosto, e seu vasto peso — a encarnação de um Súcubo que eu era impotente para repelir — oprimindo eternamente meu *coração*!

Sob a pressão de tormentos como esses, o tênue resquício do que havia de bondade em mim cedeu. Pensamentos malignos tornaram-se meus únicos companheiros — os pensamentos mais negros e malignos. Meu temperamento habitualmente taciturno evoluiu num ódio por todas as coisas e por toda a espécie humana; ao passo que das súbitas, frequentes e incontroláveis explosões de uma fúria à qual eu agora cegamente me abandonava minha resignada esposa, ai de mim!, era a mais habitual e a mais paciente das vítimas.

Certo dia ela me acompanhava, em algum serviço doméstico, ao porão da velha casa que nossa pobreza nos compelia a ocupar. O gato me seguiu pelos íngremes degraus e, quase me fazendo cair de frente, exasperou-me ao ponto da loucura. Erguendo um machado, e esquecendo, em minha ira, o pavor infantil que até então detivera minha mão, dirigi um golpe contra o animal que, sem dúvida, teria se provado instantaneamente fatal caso houvesse descido como eu desejara. Mas o golpe foi interrompido pela mão de minha esposa. Instigado por essa interferência numa fúria mais do que demoníaca, libertei meu braço e enterrei o machado em seu cérebro. Ela tombou morta imediatamente, sem um gemido.

Executado o assassinato hediondo, procedi incontinentemente, e com total determinação, à tarefa de ocultar o corpo. Eu sabia que não poderia removê-lo da casa, de dia ou de noite, sem o risco de ser observado pelos vizinhos. Inúmeros planos passaram por minha mente. A certa altura, pensei em cortar o cadáver em pequenos pedaços e destruí-los no fogo. Em outro momento, resolvi cavar um buraco para enterrá-lo no chão do porão. Depois, considerei a possibilidade de jogá-lo no poço do quintal — ou de fazer um embrulho e encaixotá-lo, como se fosse uma mercadoria, tomando as usuais providências, de modo que um

carregador viesse levá-lo da casa. Finalmente, ocorreu-me um expediente que julguei muito melhor do que todos esses. Decidi emparedá-lo no porão — como ouvira dizer que os monges da Idade Média faziam com suas vítimas.

Para um tal propósito o porão se prestava bem. Suas paredes eram construídas sem firmeza, e haviam recentemente recebido uma camada grosseira de reboco, que a umidade do ambiente impedira de endurecer. Além do mais, numa das paredes havia uma saliência, causada por uma falsa chaminé, ou lareira, que fora preenchida, de modo a se parecer com o restante do porão. Não tive dúvida de que seria capaz de remover facilmente os tijolos nesse lugar, inserir o cadáver e reconstruir a parede como antes, de modo que olho algum detectasse algo suspeito.

E nesse cálculo não me equivoquei. Utilizando um pé de cabra, desloquei rapidamente os tijolos e, após escorar o corpo cuidadosamente contra a parede interna, mantive-o nessa posição, enquanto, com pouca dificuldade, refazia toda a estrutura como se mostrava originalmente. Tendo buscado argamassa, areia e crina, com todas as precauções possíveis, preparei um reboco que fosse indistinguível do antigo, e com ele procedi muito diligentemente à obra da nova alvenaria. Após terminar, observei satisfeito o trabalho bem-feito. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido perturbada. Recolhi o entulho no chão com cuidado mais do que minucioso. Olhei em torno em triunfo e disse comigo mesmo — “Aí está, pronto, meu trabalho não foi em vão”.

Meu passo seguinte foi procurar pelo causador de tamanha desgraça; pois eu havia, enfim, chegado à firme determinação de matá-lo. Tivesse eu sido capaz de encontrá-lo naquele momento, não resta dúvida sobre qual teria sido seu destino; mas ao que parecia a criatura astuciosa se alarmara com a violência de minha fúria precedente e evitava aparecer em meu presente estado de espírito. É impossível descrever, ou imaginar, a profunda, jubilosa, sensação de alívio que o sumiço do detestado animal ocasionou em meu peito. Ele não apareceu durante a noite — e assim, por uma noite, ao menos, desde que fora trazido à casa, dormi um sono profundo e tranquilo; sim senhor, *dormi*, mesmo com o fardo do assassinato em minha alma!

O segundo e o terceiro dia se passaram, e ainda nem sinal de meu algoz. Eu voltava a respirar como um homem livre. O monstro, aterrorizado, fugira do lugar para sempre! Eu não o veria nunca mais! Minha felicidade era suprema! A culpa por meu ato tenebroso pouco me perturbava. Umhas poucas perguntas haviam sido feitas, mas foram respondidas prontamente. Até mesmo uma busca fora empreendida — mas é claro que nada se descobrira. Eu contemplava minha futura felicidade como assegurada.

No quarto dia após o crime, uma equipe policial veio, um tanto inesperadamente, ter à minha porta, e procedeu mais uma vez a uma rigorosa investigação da casa. Confiante, entretanto, na inescrutabilidade de meu esconderijo, mostrei grande desembaraço. Os policiais instaram que os acompanhasse em sua busca. Não deixaram um único vão ou recesso por examinar. Finalmente, pela terceira ou quarta vez, desceram ao porão. Não tremi um músculo sequer. Meu coração batia tão calmamente como o de alguém no sono da inocência. Andei pelo porão de ponta a ponta. Cruzei os braços sobre o peito e perambulei para cá e para lá, tranquilo. Os policiais se deram totalmente por satisfeitos e se prepararam para ir

embora. A exultação em meu coração era forte demais para ser reprimida. Eu ardia por dizer nem que fosse uma palavra, a título de triunfo, e tornar duplamente garantida sua certeza de minha inocência.

“Senhores”, disse eu, enfim, quando os homens subiam pela escada, “alegra-me ter-lhes aplacado as suspeitas. Desejo saúde a todos, e lhes apresento mais uma vez meus respeitos. A propósito, senhores, esta — esta é uma casa muito bem construída.” (Em meu incontrolável desejo de dizer o que quer que fosse com naturalidade, eu mal fazia ideia do que falava.) — “Devo dizer, uma casa *excelentemente* bem construída. Estas paredes — já vão, senhores? — estas paredes são obra sólida”; e nisso, no pleno frenesi de minha bravata, bati fortemente, com a bengala que levava na mão, exatamente naquela parte da alvenaria atrás da qual jazia o cadáver de minha amantíssima esposa.

Mas queira Deus me proteger e livrar das presas do Príncipe das Trevas! Nem bem a reverberação de minhas batidas mergulhou no silêncio, fui atendido por uma voz vinda da tumba! — por um gemido, inicialmente abafado e fraco, como de uma criança a soluçar, e depois se dilatando rapidamente em um grito longo, elevado e contínuo, inteiramente anômalo e inumano — um uivo — um guincho lamurioso, metade horror e metade triunfo, tal como só poderia ter brotado do inferno num esforço combinado das gargantas dos condenados em sua agonia e dos demônios que exultam na danação.

De meus próprios pensamentos é tolice falar. Desfalecendo, cambaleei para a parede oposta. Por um instante, os policiais na escada permaneceram imóveis, num paroxismo de terror e perplexidade. No instante seguinte, uma dúzia de braços vigorosos avançava contra a parede. Ela veio toda abaixo. O cadáver, já grandemente decomposto e coberto de crostas de sangue, surgiu ereto ante os olhos dos presentes. Em sua cabeça, com a boca vermelha escancarada e um olho solitário de fogo, estava a hedionda criatura cuja astúcia me levara ao assassinato, e cuja voz delatora me condenara à corda do carrasco. Eu emparedara o monstro dentro da tumba!



O BARRIL DE AMONTILLADO

As mil injustiças de Fortunato, suportei o melhor que pude; mas quando ele se aventurou ao insulto, jurei vingança. Os senhores, que tão bem conhecem a natureza de minha alma, não irão supor, entretanto, que dei vazão a alguma ameaça. *No fim* eu teria minha vingança; quanto a isso, decididamente nenhuma dúvida — mas o próprio caráter decidido da resolução obstava a ideia de risco. Eu devia não apenas punir, mas também punir com impunidade. Um agravo permanece sem ser reparado quando a desforra recai sobre o autor da reparação. Permanece igualmente não reparado quando aquele que se vinga fracassa em se fazer ver como tal ao que cometeu o agravo.

Fique bem entendido que nem por palavras, nem por atos dei a Fortunato motivo para duvidar de minhas boas intenções. Continuei, como de costume, a sorrir em sua presença, e ele não percebeu que meu sorriso *agora* era com o pensamento de sua imolação.

Tinha um ponto fraco — esse Fortunato —, embora em outros aspectos fosse homem a ser respeitado e até temido. Orgulhava-se ele de seu conhecimento de vinhos. Poucos italianos possuem o espírito do verdadeiro virtuose. Na maioria, seu entusiasmo é adotado para se adequar ao tempo e à oportunidade — para praticar a impostura sobre britânicos e austríacos *milionários*. Na arte da pintura e no conhecimento de gemas, Fortunato, como seus conterrâneos, era um charlatão — mas, tratando-se de vinhos antigos, era genuíno. Nesse aspecto, eu mesmo não diferia dele substancialmente: era grande conhecedor dos vintages italianos e adquiria pródigas quantidades sempre que podia.

Foi ao lusco-fusco de uma tarde, durante a suprema loucura da época do carnaval, que encontrei meu amigo. Abordou-me ele com excessivo ardor, pois estivera a beber em demasia. O homem se fantasiava de bufão. Vestia um traje justo listrado e cobria-lhe a cabeça o chapéu cônico com guizos. Fiquei tão feliz ao vê-lo que achei que não conseguiria parar de apertar sua mão.

Disse-lhe — “Meu caro Fortunato, que sorte havê-lo encontrado. Como se acha em tão excelente aspecto hoje! Acontece que acabei de receber uma pipa do que se passa por amontillado, e tenho cá minhas dúvidas”.

“Como?”, disse ele. “Amontillado? Uma pipa? Impossível! E no meio do carnaval!”

“Tenho cá minhas dúvidas”, repliquei; “e fui ingênuo o bastante de pagar o preço total do amontillado sem consultá-lo na questão. Não o pude encontrar, e receei perder uma pechincha.”

“Amontillado!”

“Tenho cá minhas dúvidas.”

“Amontillado!”

“E preciso satisfazê-las.”

“Amontillado!”

“Como vejo que anda ocupado, estou a caminho do Luchesi. Se existe alguém com tino crítico, esse alguém é ele. Decerto saberá me dizer——”

“Luchesi não sabe diferenciar amontillado de xerez.”

“E contudo haverá esses tolos afirmando que o talento dele para a degustação é páreo para o seu.”

“Vamos, a caminho.”

“De onde?”

“De suas caves.”

“Meu amigo, não; não quero abusar da sua boa natureza. Percebo que tem algum compromisso. Luchesi——”

“Não tenho compromisso; — vamos.”

“Meu amigo, não. Não se trata de compromisso, mas do grave resfriado que percebo afligi-lo. As caves são de uma umidade insuportável. Estão encrostadas de nitro.”

“Pois vamos, mesmo assim. Esse resfriado não é de nada. Amontillado! Passaram-lhe a perna. E quanto ao Luchesi, não sabe diferenciar xerez de amontillado.”

Assim falando, Fortunato segurou em meu braço. Enfiando uma máscara de seda preta, e embrulhando-me cuidadosamente em um rocló, permiti que me conduzisse apressado ao meu *palazzo*.

Não havia criadagem na casa; todos se ausentavam para os folgedos em comemoração da época. Eu lhes dissera que não regressaria senão pela manhã, e lhes dera ordens explícitas de que não arredassem pé do lugar. Essas ordens era quanto bastava, eu bem o sabia, para assegurar seu imediato desaparecimento, até o último deles, assim que virasse as costas.

Tirei de suas arandelas dois archotes e, passando um a Fortunato, guiei-o curvadamente por diversos conjuntos de cômodos até a arcada que conduzia às caves. Desci por uma longa escada em caracol, instando-o a tomar cuidado ao me seguir. Chegamos então ao fim da descida e paramos lado a lado no ambiente úmido das catacumbas dos Montresor.

O andar de meu amigo era vacilante e os guizos em seu chapéu tilintavam conforme se movia.

“A pipa”, disse ele.

“Mais adiante”, disse eu; “mas observe o branco padrão de teia que cintila nas paredes desta gruta.”

Ele virou para mim, e olhou dentro dos meus olhos com duas órbitas embaciadas que destilavam a reuma da embriaguez.

“Nitro?”, perguntou, enfim.

“Nitro”, respondi. “Há quanto tempo está com esta tosse?”

“Cof! cof! cof! — cof! cof! cof! — cof! cof! cof! — cof! cof! cof! — cof! cof! cof!”

Meu pobre amigo ficou impossibilitado de responder por vários minutos.

“Não é nada”, disse, finalmente.

“Vamos”, disse eu, com determinação, “vamos voltar; sua saúde é preciosa. É rico, respeitado, admirado, querido; é feliz como eu já o fui outrora. É um homem cuja perda se fará sentir. Por mim, não faz diferença. Vamos voltar; vai ficar doente, e não quero ser o responsável. Além do mais, tem o Luchesi——”

“Chega”, disse ele; “esta tosse não é de nada; não vai me matar. De tosse é que não vou morrer.”

“Verdade — verdade”, repliquei; “e de fato, não tenho intenção de alarmá-lo sem necessidade — mas deve usar de toda a devida precaução. Um trago deste Médoc nos protegerá da umidade.”

Nisso destampeí o gargalo de uma garrafa que puxei de uma longa fileira de outras iguais a ela que jaziam no solo do sepulcro.

“Beba”, falei, oferecendo-lhe o vinho.

Ele a levou aos lábios com um lúbrico olhar de soslaio. Parou e balançou a cabeça para mim com familiaridade, os guizos tilintando.

“Bebo”, disse, “aos sepultados que repousam em torno de nós.”

“E eu a sua longa vida.”

Voltou a segurar meu braço, e prosseguimos.

“Estas suas caves”, disse, “são extensas.”

“Os Montresor”, repliquei, “eram uma família grande e numerosa.”

“Esqueci quais são suas armas.”

“Um enorme pé dourado, em um fundo blau; o pé esmaga uma serpente rampante cujas presas estão cravadas no calcanhar.”

“E a divisa?”

“*Nemo me impune lacessit.*”¹³

“Magnífico!”, disse ele.

O vinho rebrilhou em seus olhos e os guizos tilintaram. Minha própria imaginação se aqueceu com o Médoc. Havíamos passado por paredes de ossos empilhados, com barris e tonéis entremeados, dentro dos recessos mais recônditos das catacumbas. Parei outra vez, e dessa feita tomei a liberdade de segurar Fortunato pelo braço, acima do cotovelo.

“O nitro!”, disse eu; “veja, ele aumenta. Pega como musgo pelas caves. Estamos sob o leito do rio. As gotas de umidade pingam entre os ossos. Venha, voltemos antes que seja tarde demais. Sua tosse...”

“Não é nada”, disse; “vamos prosseguir. Mas primeiro, outro trago do Médoc.”

Abri e lhe estendi uma pequena garrafa de um vinho de Graves. Ele a esvaziou duma só talagada. Seus olhos luziram com um brilho intenso. Riu e ergueu a garrafa no ar com um gesto que não compreendi.

Fitei-o com expressão surpresa. Ele repetiu o movimento — um gesto grotesco.

“Não compreende?”, disse.

“Não”, respondi.

“Então não pertence à fraternidade.”

“Como?”

“Não é membro dos maçons.”

“Sou, sou”, eu disse, “sou, sou.”

“Você? Impossível! Um maçom?”

“Um maçom”, retruquei.

“Um sinal”, disse ele.

“Eis aqui”, respondi, retirando uma colher de pedreiro das dobras de meu rocló.

“Está de pilhéria”, exclamou ele, recuando alguns passos. “Mas prossigamos, ao amontillado.”

“Que seja”, eu disse, voltando a guardar a ferramenta sob o capote, e novamente lhe oferecendo meu braço. Ele aí se apoiou pesadamente. Continuamos nosso caminho em busca do amontillado. Passamos por uma série de arcos baixos, descemos, seguimos em frente e, voltando a descer, chegamos a uma cripta profunda, onde a corrupção do ar levou nossos archotes antes a brilhar do que arder.

No extremo mais remoto da cripta revelava-se uma outra, menos espaçosa. Suas paredes haviam sido forradas com restos humanos, empilhados até a abóbada acima, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três lados dessa cripta interior continuavam ornamentados desse modo. No quarto, os ossos haviam sido removidos e jogados negligentemente pela terra, formando em um ponto um monte de tamanho razoável. Dentro da parede assim exposta pela retirada dos ossos percebemos um recesso ainda mais interno, com cerca de um metro e pouco de profundidade, menos de um de largura, e praticamente dois de altura. Parecia construído sem nenhum propósito específico, mas formado meramente pelo intervalo entre dois dos colossais apoios do teto das catacumbas, e fechado no fundo por uma das paredes que as delimitavam, de granito sólido.

Foi em vão que Fortunato, erguendo sua tocha mortíca, empenhou-se em perscrutar as profundezas do recesso. Seu término a débil luz não nos capacitava a enxergar.

“Prossiga”, disse eu; “aí dentro está o amontillado. Quanto a Luchesi——”

“É um ignorante dos ignorantes”, interrompeu meu amigo, dando um passo hesitante à frente, conforme eu o seguia imediatamente nos calcanhares. Num instante ele havia atingido a extremidade do nicho e, vendo seu avanço interrompido pela pedra, parou numa perplexidade estúpida. No momento seguinte eu o agrilhoara ao granito. Na superfície rochosa havia dois grampos de ferro, cerca de meio metro distantes um do outro, horizontalmente. De um deles pendia uma curta corrente, do outro, um cadeado. Passar a corrente em torno de sua cintura foi obra que não me tomou mais que alguns segundos. Ele estava atônito demais para resistir. Retirando a chave, recuei do recesso.

“Passe a mão”, disse eu, “pela parede; não deixará de sentir o nitro. De fato é *muito* úmido. Mais uma vez, permita que lhe *implore* para voltar. Não? Então devo decididamente deixar sua presença. Mas, primeiro, quero lhe conceder todas as pequenas atenções ao meu alcance.”

“O amontillado!”, exclamou meu amigo, ainda não recobrado de sua confusão.

“É verdade”, repliquei; “o amontillado.”

Conforme dizia essas palavras, eu me ocupava de mexer entre a pilha de ossos que mencionei anteriormente. Jogando-os de lado, logo expus uma quantidade de pedras de cantaria e argamassa. Com esses materiais, e com o auxílio de minha colher, comecei vigorosamente a emparedar a entrada do nicho.

Mal completara a primeira fiada da alvenaria, percebi que a embriaguez de Fortunato havia em grande medida se dissipado. O primeiro indício que disso recebi foi um gemido surdo e choroso vindo do fundo do recesso. O gemido de um homem bêbado é que *não* era. Houve então um silêncio longo e persistente. Assentei a segunda fiada, e depois a terceira, e a quarta; e então escutei as furiosas vibrações da corrente. O ruído durou por vários minutos, durante os quais, a fim de escutar com mais satisfação, interrompi minha obra e sentei-me sobre os ossos. Quando enfim o chocalhar arrefeceu, voltei à colher, e terminei sem interrupção a quinta, a sexta e a sétima fiadas. A parede estava agora quase na altura de meu peito. Mais uma vez fiz uma pausa e, segurando o archote acima da alvenaria, lancei alguns débeis raios sobre a figura ali dentro.

Uma sucessão de gritos altos e agudos, explodindo subitamente da garganta da forma acorrentada, como que atirou-me violentamente para trás. Por um breve momento hesitei — estremei. Desembainhando minha rapieira, comecei a tatear com ela em torno do recesso: mas bastou-me um instante de reflexão para me tranquilizar. Pousei a mão na estrutura sólida das catacumbas e dei-me por satisfeito. Aproximei-me novamente da parede. Respondi aos clamores daquele que gritava. Fiz-lhe eco — fiz-lhe coro — suplantei-o em volume e em força. Desse modo procedi, e gradualmente o suplicante se aquietou.

Era agora meia-noite, e minha tarefa se aproximava do fim. Eu completara a oitava, a nona, a décima fiada. Finalizara parte da última e da décima primeira; restava uma única pedra a ser encaixada e assentada. Sofri com seu peso; coloquei-a parcialmente na posição destinada. Mas então brotou do nicho uma risada baixa que me deixou de cabelos em pé. A ela seguiu-se uma voz triste, que tive dificuldade em reconhecer como sendo a do nobre Fortunato. A voz disse —

“Rá! rá! rá! — rê! rê! — uma piada muito boa de fato — uma excelente pilhéria. Vamos rir à larga sobre isso lá no *palazzo* — rê! rê! rê! — tomando nosso vinho — rê! rê! rê!”

“O amontillado!”, eu disse.

“Rê! rê! rê! — rê! rê! rê! — isso, o amontillado. Mas não está ficando tarde? Não me estarão esperando no *palazzo*, Lady Fortunato e os demais? Vamos andando.”

“Isso”, disse eu, “vamos andando.”

“*Pelo amor de Deus, Montresor!*”

“Isso”, disse eu, “pelo amor de Deus!”

Mas a essas palavras atentei em vão por uma resposta. Tomei-me de impaciência. Chamei alto —

“Fortunato!”

Sem resposta. Chamei outra vez —

“Fortunato!”

Ainda sem resposta. Enfiei um archote pela abertura remanescente e deixei que ali caísse. De dentro veio apenas o tilintar de guizos. Meu coração foi tomado de aflição — por conta da umidade das catacumbas. Apressei-me em encerrar minha obra. Empurrei com esforço a última pedra no lugar; completei a massa. Contra a

nova alvenaria voltei a empilhar o antigo anteparo de ossos. Por meio século nenhum mortal ainda os perturbou. *In pace requiescat!*

